

III Encontro Nacional de Mulheres de Axé

Evento reúne líderes de terreiros de 21 estados brasileiros e mostra a importância e as lições das tradições afro-religiosas na defesa dos direitos das mulheres



Sob as bênçãos das anfitriãs Mãe Beata de Iemanjá e Mãe Meninazinha de Oxum teve início o III Encontro Nacional de Mulheres de Axé, realizado entre os dias 9 e 10 deste mês, na cidade do Rio de Janeiro. O evento, uma iniciativa da Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde, contou com a participação de 136 mulheres de terreiros, guardiãs de diferentes tradições de matrizes africanas no Brasil - como o Terecô, o Batuque, a Umbanda, o Tambor de Mina, o Candomblé, entre outras. Na cerimônia de abertura, após emocionar a platéia com cânticos de louvor à vida e à natureza, as líderes religiosas Mãe Beata de Iemanjá, Mãe Meninazinha de Oxum e Makota Valdina, destacaram a importância da presença feminina dentro e fora das casas de santo, tanto para defender a tradição e a identidade negra, quanto os direitos do povo de santo.





“Antes de fazer parte do Movimento Negro eu sempre me soube negra” -- disse a conselheira da Rede de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde, Makota Valdina -- “Então, quem é que me ensinou a ser negra? Foi a vivência, foram aquelas mulheres que representavam minha ancestralidade. Raça, sabe como é que se passava? Pelo exemplo. Fui forjada por vivência. Hoje, embora me chamem de um monte de ‘ólogas’, sei que aprendi vivendo minha negritude”, afirmou Valdina, destacando a importância da vivência como mulher negra para aproximar tradição e militância política (traço que marcou a história de importantes terreiros do país).

Mãe Beata de Iemanjá sintetizou alguns dos principais objetivos do encontro, falando da importância do fortalecimento da capacidade de ativismo e incidência política das mulheres de terreiro, a partir das contribuições deixadas pelas gerações anteriores. “O legado que todos os nossos ancestrais deixaram mostra a importância das mulheres. Elas sempre estiveram à frente de questões como a saúde, educação, do cuidar, da troca e do olhar. A mulher, mesmo dentro da senzala, era quem cuidava e acolhia. E aquela senzala virava tudo, até mesmo hospital, porque era dali que saía o chá quando uma criança estava com dor de barriga, era dali que saía o parto, o conselho para uma briga de família, o leite materno compartilhado. Nós somos Orixás em vida. Então, o empoderamento de que tanto falam, nós já trazemos”, ensinou Mãe Beata, ouvida atentamente pela plateia que exclamava “Axé!”, ao final de sua fala.



O III Encontro de Mulheres de Axé mostrou ainda que as religiões de matriz africana lidam com a tradição de forma muito especial: procurando compreender e refletir sobre transformações e temas contemporâneos. Foram debatidas questões como sexualidades, direitos sexuais e reprodutivos, prevenção de DST/HIV/Aids e o viver com HIV.



Lúcia Xavier, coordenadora da Ong Criola, reiterou que nos candomblés o debate é constante e a relação com esses assuntos são quase sempre dinâmicas.

“O interessante é ter grupos diferentes discutindo os mesmos assuntos e encontrando soluções para lidar com determinados problemas que são comuns. E não se trata de dizer que sempre foi assim e pronto. Eu acho que isso é mais democrático do que tudo o que a gente tem vivido. É como se eu aprendesse com a minha mãe e com a minha avó e me juntasse a elas para atuar politicamente. Eu acho que o ‘preparo’ que a gente oferece, tem a ver com a linguagem, porque elas, há tempos atrás faziam isso de uma maneira diferente do que fazem agora. Hoje há a necessidade de outros elementos e a gente traz apenas as ferramentas para ajudar a fortalecer o debate”, conta Lúcia.

Diálogo com gestores e construção de políticas públicas

Simultaneamente, no mesmo local, aconteceu o II Encontro de Mulheres de Axé do Estado do Rio de Janeiro. Os dois eventos, que receberam apoio do Fundo de População

das Nações Unidas(UNFPA), do Ministério da Saúde e das Secretarias Estadual e Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro, contaram com a participação de gestores públicos de diferentes esferas.

Também esteve presente a Ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), Luíza Bairros, que falou dos desafios de sua pasta, na articulação de demandas intersetoriais para a promoção efetiva de políticas de igualdade racial. “Dentro do Ministério nos deparamos com aquele poder em toda a sua concretude. É o poder de definir quais são os rumos, pra onde é que nós vamos, em que lugar vamos trabalhar, até que série iremos estudar, de que doenças nós vamos morrer. E para que a gente consiga fazer com que as formas de pensar e de agir em relação à sociedade brasileira se modifiquem, é preciso que nós nos modifiquemos do ponto de vista de saber que o trabalho que será realizado não vai ser feito por uma só pessoa. A SEPPIR é só um pequeno espaço importante que se soma a vários outros”, explicou a Ministra.

O encontro contou também com duas atividades culturais que mexeram com a platéia. No dia 09 de março foi a apresentação da cantora Tânia Machado e do Grupo Negras Raízes formado por mulheres negras, e no dia 10 de março o encerramento foi no Ilê Omolu e Oxum, em São João de Meriti, com a Caravana do Axé com samba de roda e muito acarajé.

